



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

As excursões etnológicas de Mário de Andrade e Lévi-Strauss

Mário de Andrade's and Lévi Strauss' ethnological tours

*Raquel Illescas Bueno**

RESUMO

Em meados da década de 1930, Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss participaram, juntos, de diversas excursões ao interior do estado de São Paulo, experiências identificadas em *Tristes trópicos* como “etnografia de domingo”. Àquela altura, ambos eram aprendizes de etnólogo. Este trabalho procura evidenciar pontos de aproximação e de distanciamento entre duas visões de um mesmo e contraditório Brasil, ainda predominantemente rural, mas já esvaziado das populações indígenas que foram o foco de interesse principal das pesquisas de Claude Lévi-Strauss.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e Antropologia; Mário de Andrade; Claude Lévi-Strauss

ABSTRACT

In the mid 1930s, Mário de Andrade and Claude Lévi Strauss were together taking part in several tours round the countryside of São Paulo state. These experiences were identified in *Tristes Trópicos* as “Sunday ethnography” By then both were apprentice ethnologists. This paper seeks to highlight elements of approximation and distancing between two perspectives of the same and also contradictory Brazil, which still predominantly rural is already emptied of indigenous peoples, who were the main interest of Claude Lévi Strauss' research.

KEYWORDS: Literature and Anthropology; Mário de Andrade; Claude Lévi-Strauss

* Doutora pela Universidade de São Paulo – USP; Professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal do Paraná – UFPR – Curitiba – PR – Brasil – raquel.illescas@yahoo.com.br

Em meados da década de 1930, Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss participaram, juntos, de diversas excursões ao interior do estado de São Paulo, experiências identificadas em *Tristes trópicos* como “etnografia de domingo”. Àquela altura, ambos eram aprendizes de etnólogo. A expressão *ethnographie de dimanche* é empregada no início do capítulo 12, momento do texto que antecipa a sequência de capítulos relativa à descrição das tribos indígenas brasileiras.

Essa descrição, que especifica temas antropológicos, ocupa as partes cinco, seis, sete e oito do livro, respectivamente intituladas “Cadiueu”, “Bororo”, “Nambiquara” e “Tupi-Cavaíba”. Antes de discorrer sobre os costumes indígenas, Lévi-Strauss apresenta, de forma muito pessoal, suas impressões sobre o Brasil. De entremeio, vai pontuando seu texto com a lembrança de viagens anteriores pelas Américas e com relatos sobre sua primeira ida ao Oriente, onde conheceu algumas das tristezas tropicais referidas no título, tais como a superpopulação e a miséria absoluta.

As observações advindas da “etnografia de domingo” praticada nos arredores de São Paulo restringem-se ao referido capítulo 12. Nessas poucas páginas, não são apresentados detalhes sobre os deslocamentos, nem sobre quem acompanhava o autor. Assim, o nome de Mário de Andrade não chega a ser mencionado nessa parte do livro. Sabemos por outros documentos que Mário, então chefe do Departamento de Cultura do município de São Paulo, não apenas viabilizou o financiamento das pesquisas de campo do professor francês, como também acompanhou Lévi-Strauss nos passeios de observação das festas populares. Em 1993, Carlos Sandroni entrevistou o autor de *Tristes trópicos* sobre esse assunto:

Carlos Sandroni – No período em que o senhor morou em São Paulo, o senhor trabalhou na universidade, enquanto que Mário de Andrade trabalhava no Departamento de Cultura. Logo, o senhor não tinha relações profissionais com ele. Claude Lévi-Strauss - É verdade. Mas mesmo se nós, jovens professores da universidade, fomos muito bem acolhidos pelos que eu chamaria de “notáveis” – Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo e outros –, os nossos verdadeiros amigos (aqueles com quem jantávamos, saíamos à noite, fazíamos excursões) eram os do Departamento de Cultura: Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e provavelmente outros cujo nome me escapa. Por outro lado, o Departamento de Cultura se interessava muito pelas tradições populares; por este viés, como etnólogo, eu me sentia muito próximo de suas pesquisas e participava delas. De fato, o Departamento de Cultura publicou na Revista do Arquivo Municipal vários artigos meus. Além disso, o Departamento de Cultura ajudou minhas expedições brasileiras – ele as financiou, inclusive!

(...) Mário e eu estávamos continuamente transitando entre a vanguarda e a arte popular. Quando havia uma festa popular nas imediações de São Paulo – não me lembro o nome das cidades, Itu, Pirapora, Mogi das Cruzes – nós partíamos em expedição. (SANDRONI, 2002, p. 238).

No breve período de convívio entre os dois, no final dos anos 1930, o rumo sugerido pelos deslocamentos do turista aprendiz Mário de Andrade na década anterior já havia sido alterado. Em vez de realizar novas viagens de reconhecimento do território nacional, Mário optou por ocupar um cargo público, priorizando, assim, a intervenção direta sobre as ações de valorização da cultura popular e do patrimônio histórico. A criação do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional (atual IPHAN) foi obra sua, em parceria com Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Enquanto esteve à frente do Departamento de Cultura, ele reduziu sua produção literária para dedicar tempo a tarefas de gabinete. Dentre as realizações relacionadas a esse cargo, merece destaque a criação da Sociedade de Etnografia e Folclore, que tinha à frente a professora Dina Dreyfus, na época esposa de Lévi-Strauss. Mário atribuiu a essa colega, e, posteriormente, correspondente sua, a sistematização didática daquilo que era o início de alguma metodologia de pesquisa em etnografia em nosso país.

O material relativo aos cursos ministrados por Dina Dreyfus tem sido objeto de pesquisa na área de ciências sociais. Desse material, merece destaque o livro *Um laboratório de Antropologia* (2013), de Luísa Valentini, onde se leem observações de Dina Dreyfus que exemplificam a precariedade com que até então eram conduzidas as pesquisas da área:

Evidentemente, no Brasil, precisa-se, antes de tudo, de um trabalho perseverante de estudos etnográficos propriamente ditos. Tanto nas regiões longínquas do interior, como nos bairros das cidades, ou nas menores aldeias, toda uma série de pesquisas etnográficas pode e deve ser empreendida: estudo da cerâmica, da tecelagem local, do estilo das casas e das características de cada um de seus elementos: teto, janelas etc.; estudo das profissões dos ofícios [...] (DREYFUS, 1936b, p. 8. *apud* VALENTINI, 2013, p. 40).

Não é exagero afirmar que o principal nome à frente dessa empreitada no Brasil dos anos 1930 é o de Mário de Andrade. Porém, do ponto de vista do tempo dispendido por ele próprio, Mário, na coleta e análise de dados, era difícil a conciliação de suas múltiplas tarefas. Se, no Nordeste, em 1928-29, Mário tivera praticamente três meses

seguidos para exercitar sua veia etnográfica, agora suas expedições se haviam reduzido à “etnografia de domingo” na região próxima à Pauliceia.

Em 1936, foi documentada uma festa do Divino Espírito Santo, em Mogi das Cruzes. Em 1937, a festa do Bom Jesus de Pirapora. Houve também pesquisas em Franca e Atibaia, além de outros percursos dos quais participaram apenas um ou dois dos antropólogos (ou aprendizes de antropólogo) aqui mencionados.

Em vez de ficção ou poesia, essas pequenas viagens renderam a Mário monografias (de que é exemplo o estudo “O samba rural paulista”) ou relatórios oficiais. Estes, foram parcialmente revelados na obra que reúne a correspondência de Mário com Rodrigo Melo Franco de Andrade. A arquitetura colonial é um dos assuntos mais constantemente abordados. No artigo “Mário e o folclore”, Elizabeth Travassos analisa especificamente a monografia “O samba rural paulista”:

De seus escritos sobre folclore, este é o mais preso à descrição do pormenor empiricamente observável, mais sistematicamente analítico da forma poético-musical, e um dos poucos que ele não deixou inacabado. Foi escrito em pleno entusiasmo das reuniões da Sociedade de Etnografia e Folclore, estando imbuído do ideal de cientificidade elaborado e reafirmado naquele fórum. A monografia é uma cuidadosa inspeção das heranças culturais e musicais africanas porventura vivas no samba e de suas transformações ao contato com a cultura europeia. (TRAVASSOS, 2002, p. 98).

Nessa monografia, publicada em novembro de 1937 na *Revista do Arquivo Municipal*, Mário se refere a pesquisas realizadas anos antes, entre 1931 e 1933, o que exemplifica a constância com que se dedicou ao folclore. A maior ou menor sistematização para a apresentação dos resultados de suas pesquisas ficou condicionada, de um lado, pela forma como Mário distribuía-se entre múltiplas tarefas, por outro, pelo panorama político-ideológico em que estava imerso.

O engajamento dos intelectuais na vida pública, como é sabido, caracterizou o longo governo de Getúlio Vargas. Porém, ainda no Estado Novo, o grupo político que ocupava a prefeitura de São Paulo foi perseguido e Mário precisou abandonar a atuação pública. Segundo Luísa Valentini, outros viriam a seguir os passos da empreitada pioneira na coleta de dados etnográficos:

Com o afastamento progressivo de Mário de Andrade do Departamento desde o início da gestão Prestes Maia na Prefeitura em 1938, e a partida de Dreyfus e Lévi-Strauss em expedição para a Serra

do Norte, quem parece ter se encarregado de organizar e realizar as excursões foram os estudantes, ou já bacharéis, que haviam frequentado o Curso de Etnografia: Rubbo Müller. Mário Wagner Vieira da Cunha e Luís Saia. (VALENTINI, 2013, p. 192).

Claude Lévi-Strauss e Dina Dreyfus também foram afetados pelo clima pesado do final da década de 1930, inclusive pela dificuldade de financiamento das expedições mais custosas. Nesse contexto, talvez se explique a decisão do antropólogo de recusar a oportunidade de assistir à uma festa regional em Cuiabá, a festa do siriri. Conforme o relato de Luiz de Castro Faria, antropólogo brasileiro que acompanhou Lévi-Strauss na expedição à Serra do Norte, em 1938, o “prof. Lévi” não teria apoiado seus esforços em prol da realização daquela festa: “Achou ele muito elevada a quantia e desinteressou-se completamente. Ficou assim, por descaso, perdida uma oportunidade de documentar uma das menos conhecidas e estudadas festas regionais do Brasil”. (FARIA, 2001, p. 54).

Lévi-Strauss não menciona esse episódio em *Tristes trópicos*, o que dificulta concluir se houve, efetivamente, descaso, ou se a negativa deveu-se ao cuidado com a contenção de despesas. O fato é que o dinheiro era pouco e as tarefas eram ingentes.

Embora se trate de cogitação impossível de ser comprovada, não é absurdo afirmar que Mário de Andrade teria agido de outra maneira. Documentar e estudar as manifestações culturais desconhecidas dos brasileiros e – acreditava-se – na iminência de extinção, era uma de suas prioridades desde os anos 1920. Suas viagens longas foram planejadas para que pudesse assistir cirandas e outras festas locais na Amazônia. No Nordeste, preencheu vários cadernos com anotações da música e demais particularidades de cada dança dramática. Documentou detalhadamente apresentações de cheganças, pastoris e diversas festas do boi.

Nos termos de Lévi-Strauss, Mário, dentre outras coisas, perseguia “vestígios das tradições mediterrâneas” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 105) na cultura popular brasileira. A fim de avaliar a qualidade dessas manifestações populares, Mário estabeleceu distinção entre o popular e o “popularesco”, que lhe causava muito incômodo. Exemplo dessa distinção pode ser observado em anotações a respeito do pastoril de Palmares:

O Pastoril de Palmares, que dou aqui, é bem característico dessa profanidade [...] as referências religiosas são absolutamente mínimas e desimportantes. É um verdadeiro protótipo do Pastoril popularesco,

mesclado em tudo, com músicas desta e outra procedência, umas nacionais, outras estranhas, cenas mal amanhadas, às vezes sem nenhuma ligação entre si, meio revista de teatro, meio revista de... pernas, de cabaré. Não é mais sequer semierudito, mas não chega a ser popular. É daquele popularesco urbano cujo cosmopolitismo dificilmente chega a ter valor etnográfico. (ANDRADE, 1982, p. 350-1).

Não se deve confundir o olhar negativo para o popularesco com purismo. Em outros momentos, são justamente as interferências mais modernas, acrescentadas de forma descontextualizada às peças populares, que geram especial admiração.

É o que se observa no comentário sobre uma chegada encenada em Natal: “Me retiro tonto de comoção quando o coro conta que quem venceu definitivamente os mouros foi o Duque de Caxias”. (ANDRADE, 1983, p. 247). As lutas entre mouros e cristãos forneceram personagens e enredos para as festas ibéricas que estão na origem da chegada representada no Rio Grande do Norte. É certo que o Duque de Caxias não chefiou nenhum “exército cristão”, no entanto, é a inserção desse elemento que emociona Mário, por revelar a capacidade do povo de adaptar enredos importados às realidades locais. Numa “sociedade em gestação” (para empregar outra expressão de Lévi-Strauss), ele observava uma dinâmica na qual o elemento brasileiro vencia o estrangeiro, deslocando, assim, o poder simbólico que na visão eurocêntrica recaía sobre os cristãos, sempre capazes de vencer os mouros, para uma outra, calcada na expectativa de estabelecer o heroísmo militar em novas bases, com outros protagonistas.

Ainda que esse tipo de deslocamento simbólico ocorra de maneira inconsciente no seio do povo, creio ter sido esse o elemento que comoveu Mário de Andrade, e não algum apreço pessoal pela figura de Caxias. Afinal, conhecendo sua obra, sabemos que Mário não apreciava o “culto às estátuas”. Esse é, inclusive, o título de uma crônica na qual ele identifica o gosto pela estatuária com sentimentos condenáveis: a “egolatria nacional” e o “egoísmo imperialista” (ANDRADE, 1976, p. 149). Os feitos militares, de per si, também não interessavam especialmente ao autor de *Macunaíma*. Seu interesse era buscar, em meio à diversidade das manifestações culturais espalhadas pelo país, os elementos unificadores que mais bem identificassem a entidade nacional.

Lévi-Strauss não teve convívio suficiente com os vestígios das tradições mediterrâneas no Brasil capaz de render-lhe observações com esse grau de sutileza. Nem seria adequado esperar que *Tristes trópicos* esmiuçasse as observações da

“etnografia de domingo” tanto quanto os longos ensaios específicos de Mário sobre as danças dramáticas brasileiras.

Em linhas gerais, *Tristes trópicos* lança um olhar desconfiado ao progresso e à urbanização desenfreada do mundo todo, inclusive do Oriente. Mas não se pense que se trata de uma visão genérica ou pouco fundamentada, muito ao contrário. Cada capítulo joga luz sobre uma infinidade de detalhes tal como os percebeu o jovem pesquisador, ainda que – vale observar – a redação do livro tenha sido realizada cerca de duas décadas depois da experiência brasileira de Lévi-Strauss.

As partes um a quatro vão aos poucos familiarizando o leitor com o estilo de narrar de Lévi-Strauss. O antropólogo não recorre a rebuscamentos verbais, porém, seus períodos são bastante complexos devido à grande quantidade de observações miúdas e de raciocínios comparativos. Trata-se de um texto muito denso e que pode ser abordado sob incontáveis enfoques. Neste artigo, o foco recai no primeiro capítulo da quarta parte, mais especificamente no capítulo 12, intitulado “Cidades e campos”.

Se na terceira parte (“O Novo Mundo”) o leitor já fora apresentado à Guanabara e à cidade de São Paulo, é na quarta parte (“A terra e os homens”) que aparecem as observações sobre espaços que não são exatamente urbanos, tampouco territórios indígenas. O capítulo 12 pode ser lido como o início de uma zona de transição textual entre observações de caráter geral sobre o Brasil e a segunda metade do livro.

Essa transição se dá em dois planos. O primeiro, como dito acima, corresponde ao andamento do próprio livro, entre capítulos mais genéricos e a parte mais específica, voltada para a observação das populações indígenas. O segundo plano de transição tem a ver com a geografia, principalmente com a geografia humana. O autor se detém nas diferenças entre o Brasil do litoral e o espaço que separa o vasto interior da zona em que se deu o início da colonização.

Nessa zona de transição textual, observamos o jovem etnólogo decepcionado ao constatar que, ao contrário do que lhe haviam informado na França, os indígenas habitavam terras distantes da capital paulista, cidade em que morava e atuava como professor. Os arredores (*faubourgs*) de São Paulo, espaço de grande diversidade racial, abrigavam muitos imigrantes sírios, italianos e japoneses, bem como seus descendentes. Um dos grupos que despertou o interesse etnográfico de Lévi-Strauss era formado por descendentes de alemães, “população maltrapilha” que habitava um pequeno vilarejo a cerca de quinze quilômetros da capital. Ao contrário dos alemães radicados no Sul do

país, observa o autor, esses estariam perdidos “entre os miseráveis camponeses locais”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 103).

As observações sobre a variedade étnica e a miscigenação vão sendo apostas sem grande entusiasmo, até o momento em que Lévi-Strauss constata que a dinâmica entre presente e passado assumia conotação particular, muito interessante do ponto de vista da antropologia:

[...] no interior do estado era mais apaixonante ainda fixar-se não nos *vestígios das tradições mediterrâneas*, mas nas formas singulares favorecidas por uma *sociedade em gestação*. O tema era o mesmo, tratava-se sempre do passado e do presente, mas, ao contrário da investigação etnográfica de tipo clássico, que busca explicar este por meio daquele, ali era o presente fluido que parecia reconstituir etapas antiquíssimas da evolução europeia. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 105) (grifos meus).

Assim como um linguista tende a observar com fascínio a permanência de formas arcaicas da língua portuguesa nos recônditos do nosso país, Lévi-Strauss tenta reconhecer, desde um ponto de vista eurocêntrico, as diferentes etapas que repetiriam noutro lugar aquilo que até então era identificado sem maiores questionamentos como a evolução europeia.

Mesmo revelando-se fortemente atraído por essas constatações, Lévi-Strauss apõe adjetivos e comentários que denotam sua visão bastante crítica tanto das práticas culturais quanto do processo de desenvolvimento brasileiro considerado em sua generalidade. Senão, vejamos alguns exemplos: as festas de maio são identificadas como “folclore rústico”, movidas a excesso de pinga. As vestimentas tampouco lhe pareceram adequadas: “bardos mestiços, de botas, vestidos de ouropéis e fantasticamente embriagados, provocavam-se ao som do tambor” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 105). Quanto ao atraso ou progresso do país, Lévi-Strauss considera: “nos últimos cem anos, o Brasil se transformara mais do que se desenvolvera” [...], “o interior, por ser ali o progresso demasiado difícil, regredia em vez de acompanhar o movimento no ritmo lento que é o seu”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 106-7).

Na segunda metade de *Tristes trópicos*, ao debruçar-se sobre o que poderíamos denominar “etnografia de meio de semana”, Lévi-Strauss abandona as observações gerais sobre o Brasil. Os diferentes povos indígenas lhe interessavam cada um em sua especificidade, fossem bororos ou cadiveus, nambiquaras ou tupi-cavaíbas. O fato de ocuparem território brasileiro importava menos, em sua visão, do que as pistas sobre a

história pré-colombiana da América fornecidas por sua existência. Quanto a esse tema, Lévi-Strauss chega a sugerir a correção de erros cunhados pela visão eurocêntrica:

Outrora, negávamos dimensão histórica à América pré-colombiana porque a América pós-colombiana dela foi privada. Resta-nos talvez corrigir um segundo erro, que consiste em pensar que a América permaneceu por 20 mil anos isolada do mundo inteiro, a pretexto de que esteve isolada da Europa Ocidental. Tudo sugere, ao contrário, que ao grande silêncio atlântico respondia, em toda a orla do Pacífico, um zumbido de enxame. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 240-2).

Ainda que *Tristes trópicos* revele em muitos momentos concepções e até preconceitos claramente eurocêntricos que Lévi-Strauss não conseguiu dirimir, registre-se sua intenção de lançar um novo olhar, descentrado, sobre seus objetos de estudo. Não por acaso o antropólogo e criador do Estruturalismo costuma ser reconhecido como um bastião na luta contra o racismo. Sua atuação junto a organismos internacionais, de que o melhor exemplo foi sua destacada atuação junto à UNESCO, desde muito cedo assumiu caráter anti-imperialista.

Mário de Andrade também caiu em algumas contradições quanto à avaliação da presença, ou não, de elementos importados na cultura nacional, e isso justifica em parte a frequência com que se levanta um possível comportamento xenofóbico do autor paulista.

Mário teria sido excessivamente “brasileiro”? Talvez sim. Mas, mais importante que concluir acerca de posicionamentos tão gerais, no âmbito restrito deste artigo, cabe frisar que o encontro físico entre Claude e Mário não aconteceu por mera coincidência, mas, sim, pelo compartilhamento de vários interesses comuns. E não há como negar que tanto a antropologia quanto a literatura muito se beneficiaram desses encontros dominicais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. *Danças dramáticas do Brasil*. V. I. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1982.

_____. *Mário de Andrade: cartas de trabalho. Correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945*. Brasília: Sec. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Pró-Memória, 1981.

_____. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

_____. *Táxi e crônicas do Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades/SCTT, 1976.

FARIA, L. C. *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa F. de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Tristes tropiques*. S.l.: Plon, 1998. (ed. fac similar da 1. ed., 1955).

LOPEZ, T. A. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

SANDRONI, C. Mário, Oneyda, Dina e Claude. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. S.l, n. 20, p. 233-253, 2002. (Número dedicado a Mário de Andrade; org. Marta Rossetti Batista).

TRAVASSOS, E. Mário e o folclore. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. S.l, n. 20, p. 90-109, 2002. (Número dedicado a Mário de Andrade; org. Marta Rossetti Batista).

VALENTINI, L. *Um laboratório de Antropologia. O encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. São Paulo: Alameda, 2013.

Data de submissão: 06/08/2015

Data de aprovação: 28/03/2016